

O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista

*The educator and child morality from
a constructivist perspective*

*Prof. Telma Pileggi Vinha
Doutoranda na UNICAMP – Campinas-SP
Professora da UNICAMP*

Telma Pileggi Vinha trata, neste artigo, da questão do desenvolvimento da moralidade, da autonomia e da disciplina na Educação Infantil. Baseando-se na teoria construtivista de Jean Piaget, a autora aborda temas como o posicionamento dos pais e dos educadores, os limites da intervenção do professor e a necessidade de um ambiente apropriado para a formação de um cidadão autônomo, crítico, criativo, responsável e que saiba conviver com o outro.

Telma Pileggi deals in this article with the issue of the development of morality, autonomy and discipline within Child Education. Based on Jean Piaget's constructivist theory, the author covers issues such as the position of parents and educators, the limits to the teacher's intervention, and the need for an appropriate environment in forming autonomous, critical, creative, responsible citizens able to coexist with others.

▼ *Evitamos uma educação autoritária, mas não sabemos como agir diante do mal comportamento de uma criança*

▼ *É a própria professora que diz para as crianças quando está certo e quando está errado*

▼ que me levou a pesquisar a área da moralidade, a questão da autonomia, foi a minha experiência como coordenadora pedagógica. Quando eu trabalhava em Itatiba, cidade próxima a Campinas, como coordenadora, os professores costumavam me perguntar: “O que eu faço com aquele aluno que bate nos outros? O que eu faço com aquele que fala palavrão o tempo inteiro? E com aquele que não pára um minuto quieto, que fica correndo pela classe? Eu ponho para pensar e não adianta.”

Eu também não sabia o que fazer. Sabíamos que não podia gritar, não podia estrangular, mesmo sendo nossa vontade, não podia colocar de castigo, não podia bater. Nós sabíamos o que não fazer, mas não sabíamos quais procedimentos eram adequados para lidar com essa questão do desenvolvimento da moralidade, da autonomia, da disciplina.

Estudamos um pouco de psicologia, lemos textos, lemos artigos e não queremos educar como educávamos algumas décadas atrás. Não queremos repetir um modelo de educação autoritária, como a que nós tivemos. Mas, ao mesmo tempo, nos sentimos inseguros de como agir diante de um mal comportamento de uma criança. Por vezes, os professores sentiam-se muito permissivos. Diziam: “Eu converso, converso, converso e não adianta. Não acontece nada. Ele continua da mesma maneira.”

Em outros momentos, o professor não se continha e acabava estourando e sentia-se autoritário demais. A nossa preocupação era encontrar o limite da intervenção, de qual o procedimento que está mais coerente com o ser humano que eu quero formar. Que ser humano vocês querem formar? Autônomo, crítico, criativo, humano, responsável, que saiba conviver com o outro, cidadão, feliz, inteligente.

Humano, no sentido de pessoa humanizada, merece reflexão. Será que os nossos procedimentos pedagógicos, aqueles que utilizamos em sala de aula, são coerentes com esse homem que queremos construir?

Na escola tradicional, o professor também tem esses objetivos belos e nobres, e realmente gostaria de estar trabalhando para formar esse homem. Só que, na sala de aula, uma carteira está atrás da outra e as crianças não podem se comunicar, conversar. Cada um tem que ter o seu próprio material, não pode emprestar para o amigo. A professora é quem diz o que fazer, quando fazer, como começar, quando terminar, a que horas terminar. Ela é quem determina, inclusive, a ida ao banheiro. É a própria professora que diz para as crianças quando está certo e quando está errado.

Como é que queremos formar pessoas cooperativas, se um não pode ajudar o outro, porque isso é visto como ‘cola’, como uma coisa negativa? Quando escrevem, eles colocam o braço sobre o trabalho para o outro não ver. Como é que eu posso formar pessoas solidárias, se cada um tem que ter o seu, se eu não posso compartilhar os meus materiais, se eu não posso compartilhar minhas atividades com o meu colega? Como é que eu quero formar pessoas que saibam decidir, se o professor decide até a hora das crianças irem ao banheiro, decide que atividade vai ser dada, como vai ser feita? Como é que eu quero crianças que saibam viver em uma democracia, conviver com os iguais, se eles não podem conversar?

Há muita incoerência entre o objetivo e os instrumentos utilizados para atingir esse objetivo. Se o objetivo é formar um ser humano autônomo, criativo etc, a sala tem que ter um ambiente em que tudo isso seja possível de acontecer. Essa é apenas uma reflexão inicial. O tema central é a construção da autonomia, o desenvolvimento moral.

O que se entende por moralidade? Qual é a idéia de moralidade? O que é certo? O que é íntegro, integridade, respeito, o bem, o caráter? Como isso é construído na criança, como a criança aprende isso no dia-a-dia? Ela segue exemplos, modelos?

Primeiramente, o desenvolvimento moral refere-se ao desenvolvimento das crenças, dos valores, das idéias dos sujeitos sobre a noção do certo, do errado, dos juízos. Quando me sinto culpado por uma atitude, estou emitindo um juízo. Esse julgamento reflete as minhas crenças, os meus valores, a noção do que é certo e do que é errado. Da mesma forma quando julgo a ação do outro e a maneira como eu acredito que o outro me vê.

Esse é o desenvolvimento moral. A moral se refere ao que eu devo ser, como eu devo agir perante o outro. Como eu devo e não como eu ajo. O estudo da moral, da ética, é como eu devo agir. O mais importante, para Piaget, não são os valores pessoais. O que mais importa para ele é por que eu sigo esses valores. Por exemplo, por que eu tenho que ser honesto numa relação com outra pessoa? Por que a sociedade me ensinou e todos cobram esse padrão social? Se eu viver em uma sociedade que me ensine que a mentira, às vezes, é o melhor caminho, então eu posso mentir e tudo bem? Eu tenho que ser verdadeiro sempre? Por que isso é importante?

Piaget mostra o que vai fazer diferença entre uma moral autônoma – quando uma pessoa governa a si mesma, é responsável pelos seus atos, leva em conta o outro antes de tomar uma decisão – e uma moral heterônoma – quando a pessoa é governada pelos outros. É uma pessoa que justifica o que ela faz, justifica o que ela sente em nome do outro, do terceiro. “Eu penso assim porque a vida inteira me ensinaram a agir assim.”

O que faz diferença entre uma moral heterônoma, em que a moral é externa, e a autônoma, em que o centro, a ética, os meus valores, são interiorizados, são internos é justamente a razão de eu seguir os meus valores. Por que os professores querem que as crianças cumpram as regras da classe? Porque as regras são necessárias para organizar os trabalhos, para formar os cidadãos do futuro e não por medo da criança de ficar sem recreio ou receber uma punição ou uma recompensa do professor depois.

O fundamental para Piaget é que as pessoas autônomas seguem determinadas normas porque elas acreditam que isso é o melhor para elas. Elas não seguem essas normas para receber uma recompensa, por medo do olhar externo, por medo de uma punição, de uma censura. O importante não é ser leal ou não, mas por que eu estou sendo leal.

É preciso saber que numa relação entre pessoas, se uma começar a falar mentiras, o elo de confiança é rompido, desestabilizando a relação. O importante é refletir a respeito de por que seguimos as normas, os nossos valores. É por medo ou para agradar os pais, o diretor, as crianças?

▼ *O tema central é a construção da autonomia, o desenvolvimento moral*

▼ *A moral refere-se ao que eu devo ser, como eu devo agir perante o outro*

▼ *Eu penso assim porque a vida inteira me ensinaram a agir assim.*

▼ *O importante é refletir a respeito de por que seguimos as normas*

▼ *A construção da inteligência se dá a partir da interação com o meio*

Para serem coerentes com isso, os educadores devem estar pensando por que estão transformando a sala de aula, aderindo ao construtivismo. Se é porque eu sigo os meus valores e estou me transformando ou se é por uma recompensa ou uma punição. É isso que vai fazer diferença entre uma moral autônoma e uma moral heterônoma.

Para a criança, a construção da inteligência se dá a partir da interação com o meio. O mesmo vale para a moralidade. A construção dos valores, o desenvolvimento moral, se dá a partir da interação da criança com pessoas e situações. Não existe moral sem o outro. A moral, necessariamente, envolve o outro, porque se refere a regras, a normas, como as pessoas devem agir perante o outro. A construção dos valores se dá a partir das experiências com o outro.

Será que a moralidade é ensinada diretamente? É muito comum usarmos histórias infantis – contar que o Pinocchio mentiu e o nariz dele cresceu. Quando as crianças brigam, contamos uma história de briga entre os personagens, que tiveram um final trágico. Com a história da cigarra e da formiga, ensinamos a questão da solidariedade, da cooperação, e assim por diante, sempre utilizando a moral da história.

Na realidade, a moralidade não se aprende assim. A moralidade não é ensinada por sermões. A moralidade vai se dando a partir das pequenas experiências diárias que a criança tem ao se relacionar com o outro.

O pai ensina a não mentir, mas quando, por exemplo, encontra uma morena na padaria, diz para o filho: “não fala para tua mãe que eu encontrei com a fulana”. Ou a mãe bate o carro e diz: “não conta para o teu pai que fui eu!”. Ou ainda quando a criança fala a verdade, é punida, mais pelo que ela contou do que por ter falado a verdade. No entanto, para a criança, o sentimento é de que falou a verdade e foi castigada. O que ela está aprendendo?

A criança vai percebendo que, às vezes, ela mente e não é descoberta e que a mentira é necessária para escapar de um castigo. Essas são as experiências que ela está tendo com as pessoas, mostrando que nem sempre ser honesto é um bom negócio.

Para falar da moralidade infantil é preciso considerar que a criança tem uma concepção do que é certo, do que é errado, do valor de verdade, do valor de mentira, completamente diferente do adulto. Para uma criança pequena, uma mentira que é considerada grave é uma mentira em que você não pode acreditar. É, por exemplo, você dizer que encontrou um homem do tamanho de um prédio. Para ela, essa é uma mentira muito grave, porque não existe um homem do tamanho de um prédio. Assim, o exagero para a criança é mentira. Por outro lado, ela falar que tirou uma nota alta na prova, sendo que não tirou, não é uma mentira assim tão séria, porque ela poderia ter tirado mesmo! Como ela poderia ter tirado, é uma mentirinha boba.

Um adulto que disser que trocou de carro e não trocou cometeu uma mentira séria, porque está querendo aparecer, teve a intenção de mentir e enganar. Mas se alguém disser: “eu vi um caminhão que parecia um navio de tão grande”, as pessoas vão perceber que é um exagero, não é uma mentira tão séria. Para a criança é o contrário.

▼ *Uma mentira que é considerada grave é uma mentira em que você não pode acreditar*

A criança também considera o engano e a mentira a mesma coisa. A partir daí, como podemos lidar com a mentira na criança? Constance Camille deixa claro que, primeiramente, devemos perceber que a própria inteligência da criança – de educação infantil, com dois a sete anos – é pré-operatória, é intuitiva.

Muitas vezes acontece que o adulto é capaz, a partir de indícios, deduzir que a criança comeu biscoitos – a lata de biscoito está diminuindo, a boquinha da criança está suja. Em vez de afirmar: “você comeu biscoito”, diz: “o seu coração está me dizendo que você comeu biscoito.” Ou: “deixa eu olhar nos seus olhos. Você comeu biscoito e está mentindo” Isso é um abuso da autoridade do adulto que trata a criança como se fosse transparente. Isso só é possível porque essa criança ainda é pré-operatória, incapaz de tirar a conclusão como o adulto.

Eles realmente acreditam que são transparentes e que os adultos são mágicos, têm o poder de, olhando dentro dos olhos, ouvindo o coração, adivinhar. É diferente se o adulto falar “eu não posso acreditar no que você está me dizendo por causa disso”.

A primeira atitude do adulto é não abusar da autoridade de adulto, porque a criança constrói a privacidade com muito custo. É preciso dizer para a criança o porquê de você não acreditar no que ela está dizendo e mostrar onde está a mentira no que ela falou. Explicar quais são as conseqüências da mentira na relação entre duas pessoas.

Quando queremos crianças e pessoas sinceras, devemos estar preparados para ouvir verdades agradáveis e desagradáveis. Valorizar o fato de a criança ter contado a verdade, mas não deixar de conversar sobre o que ela fez. Deixar claro que contar a verdade é algo saudável, e refletir sobre o ato em si.

Moralidade envolve uma série de regras e essas regras só existem porque na convivência entre as pessoas são necessárias. Com o tempo, a criança vai percebendo as conseqüências do não cumprimento da regra ou da necessidade dessa regra existir. Na educação, é isso que tem de ser mostrado para as crianças.

É muito comum as regras serem associadas ao medo da criança ser punida, ao medo dela ser castigada por Deus, ou por um anjinho que está vendo tudo. Ou ainda a uma recompensa. Se ela for boazinha, vai ganhar um sorvete. Na realidade, se a criança só deixa de mentir porque tem medo de o nariz crescer, ou deixa de mentir porque a mamãe não gosta que mente, ou porque a mamãe acha feio, ela cresce com medo de descobrirem. O que fazia essa criança legitimar a norma de falar a verdade eram coisas que, provavelmente, quando ela crescer já não vai acreditar mais. Haverá situações em que ela vai mentir e ninguém vai descobrir, o nariz não vai crescer. Ela vai experimentar situações em que a opinião da mãe dela não pesa tanto quanto a dos amigos.

O que fazia a criança legitimar a norma já não existe mais. Ela não tem mais porque cumprir. Por isso é importante associar uma regra a um bem-estar e às conseqüências do não cumprimento dessa regra. Tem de haver sentido na existência da regra, para um bom convívio social.

▼ *Devemos perceber que a própria inteligência da criança é pré-operatória, é intuitiva*

▼ *É preciso dizer para a criança o porquê de você não acreditar no que ela está dizendo*

▼ *Haverá situações em que ela vai mentir e ninguém vai descobrir*

▼ *Diante do mesmo conflito, o adulto pode ter respostas diferentes e ensina a moralidade no dia-a-dia*

▼ *O que as crianças podem fazer na sala é justamente elaborar as regras*

Temas transversais

Atualmente, é comum os professores alegarem que, nas classes em que trabalham em grupos, as crianças têm mais conflitos. É claro, elas convivem mais, antes elas conviviam menos, então os conflitos não apareciam. A moralidade é justamente um tema transversal à ética por causa disso.

As crianças estão convivendo e, de repente acontece uma briga. Se o professor finge que não vê, ele está passando uma mensagem de que, nessa escola, a agressão é permitida. Ao contrário, se a briga é encerrada por um adulto e os dois são colocados de castigo, a mensagem é de que os adultos têm mais autoridade, e quando vocês tiverem um problema têm de procurar um adulto. O melhor seria interferir para revalidar a regra e deixar claro: “aqui nesta escola, as pessoas não devem se agredir. Vamos ver o que está acontecendo e uma maneira de resolver isso sem agressão.”

Diante do mesmo conflito, o adulto pode ter respostas diferentes e, de qualquer maneira, ele está ensinando a moralidade nesse dia-a-dia. Com cada resposta que ele dá, ou com as que ele não dá, a moralidade e a ética são abordadas. Por isso é um tema transversal. A moralidade vai se dando a partir daquelas situações do cotidiano do professor, do pai, das crianças com as crianças. Nesses momentos é que estão sendo trabalhadas a ética e a moralidade.

Cada ato do relacionamento com o aluno serve para algo e faz parte da construção da personalidade que a criança está formando. Em cada ato, o educador tem que perceber que está trabalhando a moralidade, por isso que é um tema transversal. Vamos supor que duas crianças estejam brigando por causa de um balanço. O professor pode fingir que não está vendo. Ou pode ir lá e dizer: “Cada um balança dois minutos e eu vou ficar marcando.” Ou ele pode chegar e falar: “Temos um balanço e duas crianças querendo balançar. Como vamos resolver isso? Como vamos fazer para que todos usem o balanço?”

Nos três casos, o professor está passando uma mensagem. Podem se pagar porque o problema é de vocês. Ou o adulto resolve o problema. Ou vamos resolver o problema sem agressão.

Quando as crianças começam a resolver os problemas, as soluções não são as mais adequadas. Mas elas só vão chegar a resolver os problemas de forma adequada, quando começarem a resolvê-los, percebendo as conseqüências.

Em nenhum momento afirma-se que o professor não deve intervir. Mas a intervenção deve ser adequada, construtiva. Atuar como interlocutor ou mediador do problema, da discussão para que as crianças possam chegar a uma conclusão.

O que as crianças podem fazer na sala, com relação aos limites, às normas, é justamente elaborar as regras. Há normas que são necessárias, não são negociadas. Por exemplo, não é permitido bater. É uma regra que não pode ser flexível – bater só de vez em quando ou de leve. Outro exemplo é escovar os dentes, também é uma regra que não tem negociação.

Nas salas de aula existem dois tipos de regras. As regras necessárias são as regras de boa saúde, de boa educação. São regras que não se negocia. A criança não pode escolher se ela quer ir na escola ou não. Este tipo de escolha não tem negociação.

Existem outras normas que são as que organizam o trabalho da sala e garantem a justiça. Da formulação dessas regras as crianças podem participar. Por exemplo, combinar algum sinal para avisar quando o barulho estiver muito alto. Há salas em que a criança incomodada com o barulho apaga a luz para avisar os colegas que abaixem o tom de voz. Diminuiu, ela acende a luz. Assim, até a cobrança da regra não fica só com o professor, mas também com quem estiver incomodado.

É muito comum acontecer uma visão reducionista da teoria de Piaget, quando as escolas acham que a criança pequena pode escolher qual a sanção ou castigo que vai ser dado à criança que está aprontando alguma coisa. Crianças de seis anos são egocêntricas e incapazes de coordenar pontos de vista diferentes, de se colocar no lugar do outro. Elas escolhem os castigos da maneira mais severa, que é a idéia que elas têm de justiça. Para elas, é justo pagar o preço sofrendo, para ser perdoado e aceito no grupo, restabelecendo o elo que foi rompido.

Nesses casos, não se pode passar a autoridade da escolha de sanção para a criança, mas sim elaborar a regra com eles. Um problema é colocado, discutido e decidido pelo grupo, resultando numa regra. Mas não se combina com as crianças o que fazer com quem não segue a regra, porque isso é um problema do professor, que tem que ser bem preparado para saber qual é a sanção mais justa, com o aluno.

A criança tem uma interpretação de regra rígida, ao pé da letra. Ela não percebe que cada caso é um caso. Ela não tem essa noção de justiça. É um erro acharmos que as crianças podem escolher qual é a sanção mais justa. Quando pregamos a intervenção e a não intervenção, trata-se de uma intervenção adequada, porque o professor desempenha uma autoridade na classe. Até saber, inclusive, até onde as crianças podem ir.

A moralidade é um tema transversal porque, quer o professor queira, quer não queira, está trabalhando a moral. O problema é que a maioria das escolas trabalham a moralidade não em direção à autonomia e sim à manutenção da heteronomia. Toda escola – de Educação Infantil, Ensino fundamental, Ensino médio, professor de química, de física – trabalha a moral. Mas muito poucos professores a trabalham em direção a autonomia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais colocam temas transversais como orientação sexual, educação para a saúde, ética, pluralidade cultural, meio ambiente. Quando o professor pede para as crianças escovarem os dentes e a torneira fica aberta, ele está trabalhando o tema transversal meio ambiente, mas com o desperdício.

Em outra situação, ele vê duas crianças brincando de faz-de-conta de namorar ou se beijando e fica roxo de vergonha ou repreende. Ele também está trabalhando a orientação sexual. Nós precisamos conhecer muito bem os temas transversais porque, independentemente da nossa vontade, eles estão sendo trabalhados.

A moralidade é ensinada a todo momento. O professor passa mensagens e valores constantemente. Qualquer professor transmite valores e regras nos livros didáticos, na organização institucional. Para cada regra da escola, temos de

▼ *É muito comum acontecer uma visão reducionista da teoria de Piaget*

▼ *É um erro acharmos que as crianças podem escolher qual é a sanção mais justa*

▼ *O professor passa mensagens e valores constantemente*

▼ *Não ensinamos história com uma visão única, dando a crítica pronta.*

pensar se ela é realmente necessária, se está prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Tudo tem que ter um sentido de existir.

Outro aspecto refere-se a como o conteúdo é trabalhado. Se queremos “pessoas críticas”, não ensinamos história com uma visão única, dando a crítica pronta. É preciso que eles comparem diferentes autores sobre história e discutam. Para ensinar o lógico-matemático, é preciso dar oportunidade para a criança reinventar, assim como no conhecimento físico, com as propriedades dos objetos, cor, sabor, odor.

Ensinar sem permitir que eles descubram, passando os conceitos como se fossem verdades prontas, ensinando a técnica para resolver sem deixá-los resolver por si mesmos, assim o educador deixa claro que a verdade vem da cabeça do professor. Assim, o que os alunos têm de fazer, mesmo que eles não entendam, é obedecer, é aceitar a autoridade, que hoje é o professor e amanhã pode ser o diretor, o chefe, o marido, o político.

As crianças vão aprendendo a engolir sem entender. Vão engolindo e achando que é assim mesmo e quando crescem, continuam acreditando que as verdades vêm de determinadas pessoas e não questionam essas verdades.

Avaliação

A forma de avaliação das crianças é outro aspecto. Por exemplo, perder ponto quando conversar e ganhar ponto quando entregar trabalho. A maneira de usar o instrumento de avaliação, ameaçando com frases como: “você vão ver na hora da prova, vou dar uma prova surpresa”. Portanto, na avaliação, e se é avaliado o desenvolvimento da criança pequena, também está sendo trabalhada a moralidade.

A relação professor-aluno e a relação entre as próprias crianças são indicativas de valores, normas e regras. Se é permitida a discriminação e o desrespeito no relacionamento entre os alunos, isso é legitimado pela escola, que não tem esse direito e o professor não pode permitir esse tipo de atitude no ambiente escolar.

Nós precisamos, como educadores, ter uma postura extremamente exemplar. Somos modelos e sabemos que, nesse período pré-operatório, a criança aprende muito por imitação, que é inconsciente. O modelo tem que ser exemplar porque a criança não vai aprender o que é falado, mas com os atos de quem fala. Por isso, é fundamental que haja coerência no modo de agir e coerência no discurso.

Para a criança aprender o respeito, tem que viver em um ambiente de respeito. Para aprender a falar baixo, é preciso que se fale baixo com ela. Se as crianças utilizam uniforme, os professores têm de usar também. Se o professor quer que as crianças, por exemplo, respeitem uma fila, tem que respeitar também e, na hora da merenda, entrar na fila, e se quer que eles falem a verdade, tem que ser sincero.

O modelo tem que ser exemplar e isso é fundamental. A criança não vai seguir as mensagens passadas verbalmente, oralmente. Ela vai seguir o comportamento. Por isso a postura tem que ser muito exemplar.

▼ *O educador é um modelo e a criança aprende mais pelos atos de quem fala do que pelo que é falado*

Ambiente cooperativo

É muito comum na educação em geral, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, que se estudem técnicas e procedimentos de educação moral, mas o professor não faz o essencial que é construir um ambiente cooperativo. Não adianta pensar em trabalhar direitos e respeito com discurso e técnicas em cima de dilemas, e não construir na classe um ambiente em que tudo isso está presente.

A preocupação deve ser construir esse ambiente, em que as crianças interajam, pautado pelo respeito, sem coerção ou pressão. Favorecer que a criança tome pequenas decisões e assuma responsabilidades. Ela estará construindo esse conhecimento e o professor também estará trabalhando com temas específicos, como os direitos.

Na verdade, a construção da personalidade moral vai se dar a partir da interação com os diversos ambientes: família, escola, amigos, meios de comunicação, etc. Cada um tem um peso. Na primeira infância, até os quatro anos, a família tem um peso muito grande. A interação com esses vários ambientes é que vai formando o desenvolvimento moral da criança.

Na realidade, o que faz uma criança desenvolver mais ou menos a sua moralidade e a sua autonomia, é justamente o convívio, se ela está interagindo num ambiente autoritário ou democrático. Mas a concepção de autoritário não é apenas o “não”. Em um ambiente em que tudo é não, é natural que a criança tenha mais dificuldades de tomar decisões para assumir responsabilidades e ficar com medo de punições. Mas no construtivismo, o autoritário não é só esse ambiente.

Autoritário é o que o adulto faz pela criança que ela pode fazer por si mesma. Autoritário é quando o professor está ensinando ou instruindo algo que a criança pode descobrir ou reinventar a partir de situações que ele vai colocando, para que ela reinvente, para que ela descubra. Autoritário, é aquele professor que coloca as normas, que diz o que é melhor para a criança. É o professor que não permite que as crianças interajam, que elas troquem idéias. Autoritário é o professor que entrega o trabalho na mão, recolhe o trabalho, resolve os problemas, entrega o material, diz o horário de começar, de ir ao banheiro etc.

Eu brinco que “atire a primeira pedra quem nunca tiver pecado”, porque no dia-a-dia do educador, acabamos amarrando o sapato, pondo comida no prato, ajudando a criança. E, muitas vezes, os pais que podem ter babá, podem estar prejudicando ainda mais as crianças, porque muitas vezes a babá tira a roupa, dá o banho, escolhe a roupa, põe a roupa, abotoa, amarra o sapato, penteia o cabelo, põe a comida no prato, dá a comida na boca, põe na frente da televisão, coisas que a criança poderia fazer sozinha.

Assim, um ambiente autoritário é um ambiente em que não é permitido que a criança faça as coisas por ela mesma. O democrático é o contrário, é aquele ambiente em que a criança planeja junto com o professor quais atividades vão ter naquele dia. Ela vai tomar decisões, escolher, dentre as opções oferecidas pelo professor, quais quer fazer. É o ambiente em que as crianças montam os cantinhos, pegam os materiais e estes são compartilhados. A criança é quem decide e o ritmo dela é respeitado.

▼ *Favorecer que a criança tome pequenas decisões e assuma responsabilidades*

▼ *Autoritário também é o ambiente em que a criança não pode realizar pequenas tarefas por si mesma*

▼ *É o ambiente em que as crianças montam os cantinhos, pegam os materiais e estes são compartilhados*

▼ *O professor evita fazer pela criança tudo aquilo que ela pode fazer por si mesma. Em casa é a mesma coisa*

▼ *A criança pequena não toma qualquer decisão, mas está tomando pequenas decisões o tempo inteiro*

▼ *O Piaget diz que as pessoas verdadeiramente autônomas são raras*

▼ *Para chegar à autonomia, ela precisa primeiro dos limites colocados pelo adulto*

Então, por exemplo, se uma criança demora mais para fazer um desenho e outra menos, a que terminou muda de canto. Não tem aquela comparação entre as pessoas: “olha, tá vendo, está todo o mundo te esperando, só falta você.”

Nesse ambiente democrático, diante de um conflito, as crianças vão pensar outra maneira de resolvê-lo, sem usar as mãos, os dentes, cotovelo, joelho, pé. O professor evita fazer pela criança tudo aquilo que ela pode fazer por si mesma. Em casa é a mesma coisa.

A criança pequena não pode tomar grandes decisões. Por exemplo, não cabe à criança escolher em que escola quer estudar, nem se ela quer sair numa noite fria com casaco ou não. Isso ela não pode decidir. Mas ela pode decidir com qual casaco ela quer sair, se ela quer com o vermelho, com o roxo ou com o amarelo. Ela pode decidir, por exemplo na escola, se ela quer entrar com a mãe ou se prefere entrar sozinha. Ela não vai escolher se ela vai trabalhar ou não no dia, mas ela pode escolher quais atividades. A criança pequena, em um ambiente democrático, não toma qualquer decisão, mas está tomando pequenas decisões o tempo inteiro.

Em virtude da educação autoritária que nós tivemos, hoje em dia, diante de desafios, morremos de medo de errar. Quando alguém pede para a pessoa falar em público, ela treme na base. Para tomar decisões, justificamos o nosso agir em nome do outro: “Ah, mas fulano falou que era para eu fazer assim”, ou: “eu reagi assim porque o porteiro foi mal educado comigo”, mas você poderia ter reagido de outra maneira.

Justamente pelo fruto dessa educação é que nós somos assim hoje. O mercado de trabalho, inclusive, exige mais do que apenas cumprir ordens. Exige pessoas que pensem por si mesmas, que tomem decisões, criativas, que estejam sempre se atualizando. A escola está formando pessoas que não estão atendendo às necessidades do próprio mercado profissional.

O Piaget diz que as pessoas verdadeiramente autônomas são raras. É claro, a vida inteira vivemos em um ambiente autoritário, quando não era a escola, era mãe, o pai que diziam que tinha que obedecer, que é o pai quem manda.

Cito o depoimento de um pai no livro “Liberdade sem medo”: “meus pais foram autoritários, minha escola usava castigo e, se não fosse por isso, eu não seria a pessoa que eu sou hoje.” E o Hill responde assim para ele: “olha, eu não conheço o senhor, mas quem disse que o senhor não poderia ser uma pessoa melhor do que é hoje?!”. Temos que argumentar isso com os pais, mostrando que o mundo está mudando. Nós somos frutos de uma educação autoritária, mas queremos formar pessoas cada vez melhores.

Os limites vão situar a criança no espaço social e é preciso determinar os espaços da mãe, do colega, da professora. No desenvolvimento moral, para Piaget, os limites são necessários e eles precisam existir. A criança necessita disso para se sentir amada, protegida. Para chegar à autonomia, ela precisa primeiro dos limites colocados pelo adulto. Depois ela irá construindo os seus próprios limites.

Amor, temor e respeito

Ao mesmo tempo que eu amo, eu também temo. Esse sentimento é o respeito. Para Piaget, todo o respeito é uma mistura de amor e de temor.

Piaget percebeu que as crianças pequenas têm um sentimento que ele chama de sentimento de obrigação, de aceitação interior a uma norma, a uma recomendação dos adultos. Por exemplo, se a criança vai colocar a mão na tomada, a mãe diz assim: “não pode!”. Ela sabe que lá não é para mexer, tanto que mexe escondido ou mexe e olha para a mãe. Isso porque essa criança aceita interiormente aquela recomendação. Ela sabe que não é para mexer e se ela for flagrada mexendo, fica constrangida, perturbada, porque sabe que fez algo errado.

O Piaget perguntou: “por que as crianças, em uma idade tão pequena, em que tudo é brincadeira, tudo é espontaneidade, por que essas crianças aceitam o que os adultos falam? Por que elas simplesmente não ignoram?”.

Ele descobriu que para a criança ter esse sentimento de aceitação interior a uma norma, a uma regra, é preciso que haja duas condições simultâneas. Primeiro essa criança precisa estar acostumada a receber normas e recomendações que são comuns, como não mexer na tomada, não atravessar a rua sozinha, não brincar com faca. Estar acostumada primeiro a receber limites, receber normas.

O segundo fator que faz com que essa criança apresente esse sentimento de obrigação é que ela só vai ter aceitação interior a uma regra quando essa norma parta de uma pessoa que ela respeita. Ela só tem aceitação interior a uma norma se essa norma vem de uma pessoa que ao mesmo tempo ela ame e tema.

Será que só o amor é suficiente para causar sentimento de obrigação? Não. Por exemplo, ela ama o irmão mais velho e não tem essa aceitação interior de uma regra posta por um irmão ou uma irmã.

A criança tem medo de uma pessoa estranha, tanto que se esconde atrás da perna da mãe. Mas a recomendação de um estranho, a ordem de um estranho, não faz com que uma criança sinta-se obrigada a isso. O medo de uma pessoa só coage, a criança não faz enquanto ela sente medo. Depois que a pessoa que causa o medo sai, ela está livre para agir. Então o medo não causa aceitação interior à norma nenhuma.

Esse primeiro respeito, Piaget chama de respeito unilateral. É o respeito de um lado só, que a criança tem pelo adulto. A criança vê o adulto como o mais forte, como aquele que sabe mais. Então esse respeito é uma relação assimétrica entre o adulto e a criança. A criança por exemplo, nunca vê o professor como uma pessoa igual a ela.

A criança vê o professor como aquele que sabe mais. Entre os colegas, elas discutem, mas se o professor falar: “é isso, tá errado.”, elas não vão questionar.

Com o pai se dá o mesmo. É uma relação desigual. A criança nunca vê o adulto como igual. Se respeito é uma mistura de amor e temor, o temor do respeito unilateral é o seguinte: a criança tem medo de ser punida, tem medo de ser censurada e principalmente tem medo de perder o amor dos pais.

▼ *Para Piaget, todo o respeito é uma mistura de amor e de temor*

▼ *O segundo fator que faz com que essa criança apresente esse sentimento*

▼ *O respeito unilateral leva a uma moral chamada de moral heterônoma*

▼ *Jamais devemos utilizar com a criança a retirada do amor como sanção*

Inclusive, jamais devemos utilizar com a criança a retirada do amor como sanção. Por exemplo, falar assim: “eu não gosto mais de você, você é feio. A mamãe está triste, não quer mais falar com você.” Não se usa a retirada de amor porque a criança só se atreve, só se arrisca, em relações frágeis. Aquelas relações em que se ela aprontar alguma coisa, o colega não vai querer mais brincar com ela. Isso porque existe uma segurança de ser amada, de estar em casa, de que nunca vai perder o amor dos pais, uma relação estável.

Moral heterônoma

O respeito unilateral, que a criança tem medo de perder o amor, medo de ser punida, de ser censurada, leva a uma moral que é chamada de moral heterônoma. É a moral da criança que é governada pelos adultos. O exemplo de moral heterônoma é que a criança justifica uma regra, uma norma, em cima da autoridade de um adulto.

As crianças têm uma idéia do adulto como se este fosse mágico, como se quando eles crescerem saberão tudo. O adulto desenvolveu determinadas estruturas que permitem raciocinar de uma maneira diferente da criança, e para ela, o adulto sabe muita coisa.

Isso é moral heterônoma e as relações dessa moral são justamente conseqüência de respeito unilateral. A criança pequena só estabelece com o adulto relações de respeito unilateral. Ela não consegue estabelecer uma relação de igual para igual, que são as relações de respeito mútuo, relações de mão dupla. Eu te respeito e você me respeita. A criança pequena tem aceitação interior do que o adulto fala.

Mas, e o adulto tem aceitação interior ao que a criança fala? Não. Muitas vezes nem aceitamos o que a criança fala. No respeito mútuo, não existe mais a presença da autoridade. A legalidade, quer dizer, o que é legal, o que é justo, predomina. Nas relações de respeito mútuo, o respeito não é amor e temor? Nas relações de respeito mútuo também existem amor e temor. Mas o temor nesse caso é o medo de eu decair aos olhos dos outros, não é mais o medo de ser censurado, de ser castigado, de ser punido, de perder o amor.

As relações de respeito mútuo, entre pessoas que se consideram iguais, levam à uma moral autônoma. Autônoma é a pessoa que governa a si mesma, mas considerando sempre o outro por vontade própria. Não é simplesmente eu fazer o que eu quero. É eu considerar o que é melhor para nós, ao tomar uma decisão.

Moral autônoma é dizer assim: “eu estou trabalhando com Piaget porque eu estudei e concordo com as idéias. Não porque ele falou e eu falo amém. Eu estou estudando e vejo que isso é coerente.” Autonomia é decorrente de relações de igual para igual.

A criança pequena não consegue ver o adulto como igual, mas quem ela consegue tratar como igual? Os colegas. Para a criança chegar à autonomia, ela precisa ter relações de respeito mútuo. Para isso, ela precisa conviver com crianças da mesma idade que ela.

Na escola, a criança vai poder conviver com crianças da mesma idade. No entanto, a escola põe uma carteira atrás da outra e não permite que as

▼ *No respeito mútuo, não existe mais a presença da autoridade*

▼ *A criança pequena não consegue ver o adulto como igual*

crianças troquem idéias. Se elas não tiverem essas relações em que vão discutir e resolver os conflitos, trocando idéias, percebendo que os pontos de vista são diferentes, dificilmente vão chegar à autonomia.

Na escola tradicional, só durante o recreio é permitido que as crianças troquem idéias. Assim, as crianças vão continuar heterônomas e se tornarão adultos heterônomos.

Um princípio básico da teoria Piagetiana é a interação social. Para chegar à autonomia moral e intelectual, tem que haver duas coisas: a ação do objeto sobre o conhecimento e a interação social.

É preciso colocar situações em que as crianças vão interagir socialmente. Mesmo quando cada criança faz o próprio desenho, o professor vai olhar para ela e conversar com ela. Quatro crianças em cada cantinho porque é um número que favorece essa interação social. Grupos de seis ou sete propiciam a formação de “panelinhas”, não havendo interação com todos. Tem de haver um motivo para o que está acontecendo. As decisões pedagógicas têm de ser fundamentadas numa teoria científica. É fundamental saber porque fazer dessa maneira e não de outra, porque dessa maneira eu desenvolvo melhor a autonomia, daquela maneira não. As decisões têm de sair do senso comum entre os profissionais da educação.

▼ *As decisões pedagógicas têm de ser fundamentadas numa teoria científica*

Os limites

Está acontecendo que os limites estão se ampliando muito. Nenhuma criança gosta de limites, nenhum ser humano gosta. É natural e é saudável que a criança teste os limites, porque quando ela testa os limites, ela está testando a validade dos mesmos, se são necessários. Mas quando a mãe ameaça e chega na hora e não cumpre, a criança vai perdendo o temor que ela tem naturalmente pelo adulto. Ela sabe que não vai acontecer nada com a mãe, que a mãe não vai fazer nada, e os limites vão se ampliando.

Os limites situam a criança no espaço social: “até aqui eu posso ir. Aqui eu estou invadindo o espaço do outro”. É fundamental que o adulto vá mostrando o limite: “até aqui você pode ir, aqui o espaço é meu.”

Na escola ocorre o mesmo. Se uma criança vem de um ambiente sem limites, é terrível para o professor. Mas para a criança, talvez seja a única oportunidade que ela tem de estar interagindo em ambiente que coloca limites para ela de maneira adequada. É normal uma criança fazer com os professores o que ela faz em casa. Se em casa ela se joga no chão para conseguir uma coisa, é natural que no começo, quando ela for frustrada na escola, ela se jogue no chão para conseguir a mesma coisa do professor.

Mas a resposta que os educadores vão dar será diferente diante do mesmo ato, e isso é saudável. Se a criança não tem esses limites, o fato de o professor dar uma resposta adequada vai fazê-la perceber algo e, talvez, seja o único ambiente em que ela interage que está auxiliando no desenvolvimento do respeito ao outro.

Se o ambiente oferecido na escola é pautado no respeito mútuo, é um ambiente em que as crianças decidem o que fazer, tomam decisões, elabo-

▼ *É natural e saudável que a criança teste os limites, testando a validade e a necessidade dos mesmos*

▼ *O limite da moral são os atos e não os sentimentos*

▼ *Se isso não ocorrer, nada do que for falado vai ter efeito, a não ser recompensa e punição*

▼ *Tudo o que a professora tentou trabalhar com a criança não teve efeito.*

ram as normas, sorte dessas crianças, que têm a possibilidade de estar interagindo em um ambiente saudável.

Também é fundamental saber por que e quando acionar os pais. Geralmente, quando há algum problema, primeiro coloca-se para a criança, antes de levar para os pais. Tem problemas que quem tem que trabalhar é a própria escola. Por exemplo, o problema de indisciplina de criança que corre demais na sala, ou que está falando muito, estão fora da alçada dos pais.

Temos que tomar muito cuidado em separar o que é problema de casa, o que é problema da escola. Muitas vezes, quando se leva o problema para o pai, a situação piora, porque essa criança decaiu mais ainda aos olhos do pai e a relação entre eles piora. Só devemos levar o problema para o pai quando ele tem condições de auxiliar de maneira adequada.

Em vez de o professor decair a criança aos olhos do pai, muitas vezes o remédio mais saudável é levantar a criança, mudar a maneira como o pai enxerga essa criança. Isso dá resultados.

Aprendendo a sentir

Quando nós estudamos ética, o limite da moral são os atos e não os sentimentos. Todo sentimento é permitido, é aceito, não existe sentimento bom ou ruim. Faz parte da natureza humana sentir raiva, sentir inveja, sentir amor, sentir ódio, sentir carinho. Mas o problema é que os atos são limitados. Eu posso desejar muito um homem, mas eu não posso agarrar o homem na rua. Eu posso ter vontade de te matar, mas eu não vou te matar.

Para lidar com a criança, nós devemos deixar claro que o problema está no ato de raiva e não no sentimento de raiva. O respeito mútuo é uma mistura de amor e temor de decair aos olhos do outro. Assim, o primeiro passo para mudar um comportamento de uma pessoa é criar um vínculo de afeto. Se não for criado um vínculo de afeto com a criança, não vai existir o amor do respeito mútuo, e só o temor não vai causar na criança o sentimento de aceitação interior. É preciso, para modificar uma criança, para trabalhar com ela, para auxiliá-la, que ela goste do adulto. Se isso não ocorrer, nada do que for falado ou tentado com essa criança vai ter efeito, a não ser recompensa e punição.

A criança pequena, ou mesmo maior, se não gostar de alguém, por que vai modificar o comportamento em função da censura dessa pessoa? Até um adulto reagiria assim.

Eu me lembro de uma professora que foi muito inteligente. Ela tinha um aluno de seis anos que falava muito palavrão. A professora foi conversar com a mãe, que argumentou: “ele fala a mesma coisa para mim?! Eu não sei o que fazer com esse moleque! Ele é um boca suja!” E aí começou a desfiar os palavrões. A professora entendeu a origem do problema e a conversa ficou por isso mesmo.

Tudo o que a professora tentou trabalhar com a criança não teve efeito. Então ela começou a se aproximar da criança. Sentava com ele, jogava com ele. Quando ele fazia coisa legal, ela mostrava que tinha notado a atitude.

Fazia atividades individuais, como contar uma história e falava: “olha, eu li essa história e lembrei de você.” Foi se aproximando da criança. Um dia, depois de um ou dois meses desse trabalho, ele falou um palavrão para ela. Ela simplesmente disse: “eu não gosto quando você me trata com palavrões. Eu não te trato com palavrões”. Ele respondeu: “mas eu falo assim com a minha mãe.” E ela: “Mas eu não sou sua mãe” e saiu de perto, não falou mais nada.

Essa criança nunca mais falou palavrão com a professora. A diferença é que agora ele gostava dela, ele não queria decair aos olhos dela. É muito comum que, quando eu recebo uma criança, vem com a “ficha criminal” e já se espera o pior dela.

Nós brincamos que sempre quem fica com a pior é o bonzinho, porque, em função do “terrível”, paramos a roda diversas vezes, no recreio estamos atrás dele e até durante a noite pensamos nele. Ele acaba recebendo mais atenções pelo comportamento negativo.

Se você espera o pior dele, você envia mensagens que é isso que você espera. Quando você olha e diz assim: “só podia ser você, estava demorando”, ou mesmo: “quantas vezes eu vou ter que te falar a mesma coisa. Será que você nunca vai aprender”, você passa mensagens como se esperasse isso dele. É natural que essa criança não modifique o comportamento, porque ele já decaiu aos seus olhos, então, por que mudar?

O Yves De La Taille tem um trabalho muito interessante em que ele contou para crianças, desde cinco, seis anos até 14, 15 anos, duas histórias. Na primeira história ele dizia que em uma classe, um livro que pertencia a todos foi furtado e que a professora descobriu quem foi. Quando ela descobriu, ela tinha duas opções: deixar quem roubou o livro sem recreio, ou contar para todo mundo que havia sido ele quem roubou o livro. O Yves perguntava às crianças o que elas achavam que era melhor a professora fazer e por que.

Metade das crianças de cinco anos, por causa do egocentrismo, afirmou que era para deixar sem recreio. A outra metade disse que podia contar para todo mundo. A partir dos sete anos de idade, a maioria das crianças afirmou que não era para contar para todo mundo, que era melhor deixar sem recreio, porque elas ficavam com vergonha do que os outros iam pensar.

Depois de um tempo, o Yves contou outra história. Ele disse que numa classe a professora decidiu deixar esse aluno sem recreio e numa outra classe, onde aconteceu a mesma coisa, ela decidiu que ia contar para todo o mundo e contou para todos quem foi o menino que roubou o livro. Em uma das duas classes, um livro voltou a sumir. Em qual classe eles achavam que a criança tinha roubado – a que ficou sem recreio ou a que contou para todo o mundo? Uma criança de 12 anos, muito sabiamente, disse assim: “voltou a roubar naquela que contou para todo o mundo, porque ela já estava danada mesmo!”

Isso significa o que? Se eu já vejo essa criança como agressiva, como terrível, como difícil, como preguiçosa e eu passo mensagens, ela não vai mudar porque ela já decaiu aos meus olhos. Eu mudo quando não quero decepcionar o outro, quando não quero decair, quando eu gosto do outro. Se eu já estou danada aos olhos do outro, para que eu vou mudar? Se ele já não me acha grande coisa, por que eu vou ser grande coisa?

▼ *Um dia, depois de um ou dois meses desse trabalho, ele falou um palavrão para ela*

▼ *É natural que essa criança não modifique o comportamento*

▼ *Se eu já estou danada aos olhos do outro, para que eu vou mudar?*

▼ *O caminho da educação nunca é o da humilhação, do ataque à dignidade, do grito, do castigo*

O caminho da educação nunca é o da humilhação, do ataque à dignidade, do grito, do castigo. É o contrário. Se eu quero modificar o comportamento de uma pessoa, eu tenho que mostrar que eu confio, que ela é capaz etc.

Uma professora chegou para uma criança que desenhava muito bem e pediu alguns desenhos para ela. Em alguns trabalhos ela colocou como ilustração o desenho que essa criança fez, acrescentando uma observação embaixo: “agradeço ao Felipe pela ilustração dos trabalhos”. Os demais alunos exclamaram: “ô Felipão, você hein?!”. Na verdade, ela fez um trabalho de levantar a auto-estima da criança, para a própria criança e aos olhos de todo o grupo. Esse é o caminho de uma educação construtiva.

Linguagem de educador

Isso envolve muito a linguagem do educador, as sanções que ele utiliza. Essa linguagem deve ser construtiva, nunca destrutiva. O educador nunca deve julgar, mas simplesmente descrever as coisas. É fundamental, em uma educação, o vínculo de afeto, o cuidado em não decair a criança. Ao contrário, mudar a maneira de como eu vejo a criança.

As relações de respeito lateral não ocorrem só com a criança pequena em relação ao adulto. No nosso dia-a-dia, mantemos com os adultos, com as pessoas, relações de respeito lateral. Por exemplo, cada vez que a criança está crescendo e começa a questionar o adulto e este a repreende, porque “não se fala assim com a mamãe, porque o papai não quer que faça assim”, justifica-se uma norma, uma conduta, com base no que a autoridade acha. Cada vez que você está associando o que a criança faz ao castigo, você está mantendo com essa criança relações de respeito lateral.

▼ *Isso pode ocorrer no casamento e até na relação que o professor mantém com o coordenador*

Isso pode ocorrer no casamento e até na relação que o professor mantém com o coordenador. Se o professor obedece e diz: “eu estou trabalhando assim porque ele quer”, é hora de começar a questionar a sua própria moralidade, a sua concepção de autonomia.

É diferente ele estar mudando a proposta de trabalho porque está convencido, está estudando que é por aí, de estar fazendo porque uma autoridade quer que ele faça. É preciso refletir e rever isso.

Se queremos educar as crianças para a autonomia, como podemos manter no dia-a-dia relações de respeito lateral com as pessoas? Conseqüentemente, as crianças serão tratadas assim. O professor deve estar sempre no mesmo nível das crianças. Se as crianças sentam no chão, ele também senta no chão, ele se abaixa para conversar com elas, ele procura usar um tom de voz que não seja elevado. O professor quer que as regras valham para todos, inclusive para ele.

Tratar uma criança com respeito mútuo, mesmo que ela ainda não consiga tratar o professor com respeito mútuo, vai muito mais longe. Por exemplo, é comum, quando as crianças brigam, o professor dizer: “vai lá, pede desculpas para o seu amigo, dá o dedinho para o seu amigo.” Mas se a própria professora brigou com o namorado, está chateada com ele, qual o adulto que vai dizer: “vai lá, pede desculpas e dá um abraço no seu namorado”?

É preciso ter com a criança o mesmo respeito com que se trata um adulto. Quemalaria para um adulto, a respeito de uma terceira pessoa presente: “não liga não, ela está querendo aparecer mesmo”? Mas falamos isso da criança para uma visita.

Quanto ao pedido de desculpas, só é válido quando é sincero, quando a criança está realmente arrependida do que fez. Esse desejo de desculpa tem que ser um desejo interno dela, não por solicitação externa. O que podemos fazer é deixar claro para a criança, porque as crianças aprendem a pedir desculpas para se livrar do problema. Elas batem no colega e depois falam: “mas eu já pedi desculpas”.

Nós temos culpa nisso, porque quando elas brigam, dizemos: “pede desculpas para o seu amigo.” A criança vai aprendendo que pode ficar livre dos problemas dessa maneira. Ao invés de fazer isso, quando uma criança pede desculpas, temos que sentar com ela e falar: “o pedido de desculpas quer dizer que você está realmente sentido, arrependido do que você fez. É isso que você está sentindo? Pedido de desculpas significa modificar, significa que você não está querendo mais fazer o que fez. É isso que você quer dizer?”

Também é necessário ensinar à criança as conseqüências dos seus atos. Nós temos que tratar a criança com o mesmo respeito que dedicamos aos adultos. Não xingamos um adulto, não humilhamos, não colocamos de castigo um adulto. O que fazemos, com os adultos, é permitir que sintam as conseqüências dos atos, repararem o erro. É assim que devemos trabalhar com as crianças.

Em um ambiente de respeito mútuo, as regras e os limites são necessários. Piaget mostra que a criança é heterônoma. Ela é naturalmente governada pelos adultos e vai precisar de limites. Mas quando as crianças são pequenininhas, elas precisam de limites necessários. Conforme vão crescendo, os limites podem ir se ampliando. Os limites são negociáveis, são combinados com ela.

Por exemplo, o pequeno não vai decidir se vai pôr casaco no dia frio. Mas com o adolescente, não há porque brigar se ele quiser sair de camiseta num dia frio. Ele já sabe que lá fora está frio.

Brigamos com os adolescentes por tudo. Por causa do cabelo, pela bagunça do quarto, pela chave do carro, porque não come direito, porque sai sem casaco, porque a calça dele é rasgada. Como brigamos por tudo, coisas passam, coisas não passam. Na realidade, quando vocês forem elaborar as normas na classe de vocês, ou na família é preciso pensar: isso é realmente importante, vale a pena eu brigar por isso? Se não valer a pena vocês brigarem por isso, esqueçam.

A característica de uma regra é justamente a regularidade. Isso significa que ela tem que servir para diversas situações. Se ora ela é cumprida, ora não é cumprida, não tem porque existir essa norma. A regra existe, é o contrato entre as partes que vai beneficiar a todos. A característica dessa regra é que ela tem que ser cumprida sempre, ela tem que estar presente sempre.

▼ *É preciso ter com a criança o mesmo respeito com que se trata um adulto*

▼ *Quanto ao pedido de desculpas, só é válido quando é sincero*

▼ *Em um ambiente de respeito mútuo, as regras e os limites são necessários*

▼ *Isso significa que ela tem que servir para diversas situações*

▼ *É preciso separar na classe quais são as regras necessárias*

▼ *Mas é preciso usar uma linguagem descritiva e só se descreve o que se está vendo*

▼ *O educador de Educação Infantil tem que falar menos e ouvir mais as crianças*

Da necessidade das regras

Ao combinar uma série de coisas bobas, muitas vão ser deixadas passar, e o adulto acaba caindo em descrédito aos olhos da criança. Quando fazemos uma regra com a criança, temos que ter autoridade para que se cumpra a regra. É preciso sempre questionar se vale a pena brigar por algo, a fim de definir-se uma regra é necessária ou não.

No caso de um adolescente não vale a pena brigar porque está frio lá fora e ele quer sair de camiseta, se ele comeu ou não comeu. Ele já sabe tudo isso. Mas vale a pena brigar pela chave do carro, se a regra for que antes dos dezoito anos não se dirige, e não abrir mão disso, deixando muito clara essa postura.

O adolescente tem que perceber que há aspectos como situações de respeito, de dignidade, de preconceito, de organização de determinado espaço. Pode ser que no quarto dele fique bagunçado, mas na sala o espaço é coletivo. Se brigarmos por tudo, esse jovem não saberá aquilo que é realmente importante, que é valorizado ou não.

Na escola é idêntico. É preciso separar na classe quais são as regras necessárias, que não são combinadas – como não bater, não falar palavrão, lavar as mãos, escovar dentes. Essas regras são só comunicadas. Por exemplo, se bateu, o professor revalida a regra: “não se bate em ninguém”; puxou o cabelo de alguém: “não se puxa o cabelo das pessoas”; “aqui nessa escola nós não falamos palavrões”.

Quando se quer mostrar autoridade, deixar claro que se está falando sério, mostrar que é para valer, tem que falar pouco. Quanto menos falar, mais será ouvido. A Angie Noil diz isso: para passar autoridade tem que ser breve e objetivo. Em várias palavras a mensagem se perde. Isso vale para qualquer relacionamento, não é só com criança.

Não adianta desenterrar o passado ou antecipar o futuro. O incidente tem que ser lidado no momento específico. Por exemplo, aconteceu numa escola a criança subir na mesa da merenda e sair correndo. A professora disse: “Felipe, para que servem as mesas?! Quantas vezes eu vou ter que falar com você? Felipe, como é que vai ser?”

De repente, ela trabalhou a linguagem e resolveu mudar. Mas é preciso usar uma linguagem descritiva e só se descreve o que se está vendo. Aí ela falou: “Felipe, as mesas não foram feitas para as pessoas subirem nelas, desça.” Em nenhum momento ela agrediu o Felipe, porque em nenhum momento admite-se qualquer ataque à dignidade de uma criança. É terminantemente proibido qualquer tipo de humilhação à criança. Ela conseguiu passar autoridade e o Felipe desceu.

Essa mesma criança, num outro dia, colocou a vassoura no ventilador. Aí a professora segurou a mão dela, contendo o ato, sem apertar, e disse: “Felipe, não se coloca nem se joga nada, absolutamente nada, no ventilador, entendeu?” É assim: tem que ser breve. Brincamos que o educador de Educação Infantil tem que falar menos e ouvir mais as crianças. Nós falamos demais, o tempo inteiro, com as crianças. Às vezes é preciso ouvir mais do que falar.

Quando se coloca uma limitação, por exemplo, não se joga pedra na janela, não há que explicar que não se pode jogar pedra na janela, porque a criança sabe isso. É simplesmente falar: “as janelas não foram feitas para serem quebradas”. É preciso usar uma linguagem que descreve, mas seja breve. Com discursos, em qualquer situação, não se é ouvido.

Resumindo: para mostrar autoridade, ser breve; com as regras necessárias, também usar linguagem breve. Por exemplo, tem que lavar a mão na hora da merenda, não interessa se a mão está muito ou pouco suja.

As regras combinadas são muito mais importantes que as regras necessárias. Mas elas têm só dois objetivos: garantir a justiça na classe e organizar os trabalhos. Geralmente, logo no início do ano, combinamos as regras. Isso não é adequado, porque a criança precisa ter a necessidade dessa regra existir. Ela precisa sentir a necessidade dessa regra, e se a colocamos no começo do ano, antecipamos o processo.

Há regras que nós sabemos que são sempre necessárias – não bater, não falar alto etc –, mas as crianças não sabem. Elas precisam, num primeiro momento na roda, falarem todas ao mesmo tempo. Quando ninguém estiver ouvindo, pára para ver o que está acontecendo. “O que é preciso fazer para ouvir o que o fulano está falando?” Diante de um problema sentido pela criança, comentar e propor soluções.

Mas a solução não é assim: “quem falar alto, acontece tal coisa”. Não se combina regra sanção. Combina-se: “falar um de cada vez.” No começo, nós entrevistamos as crianças para perguntar o que elas achavam das regras. Era comum as crianças falarem assim: “regra é tudo o que não se pode fazer”. “Tem regras que podem fazer?” e elas falavam: “não, se pode ser feito, para que fazer regra”. Então colocou-se a regra: não gritar. “Ah, então não pode gritar, tem que ficar todo o mundo quieto?”. “Não, tem que falar. Então como tem que falar? Pode falar baixo”. E aí vai se combinando. Mas tem regras que não dá. Então vamos dar uma misturada, coisas que podem, coisas que não podem ser feitas.

As regras têm de ser em pequeno número para que os professores façam com que se cumpram. Se forem em quantidade, muitas coisas serão deixadas passar. Para fazer com que se cumpram, pode ser de uma maneira muito natural, muito espontânea. Por exemplo, uma criança saiu da classe e deixou o cantinho desarrumado. O professor deve ir até ela e, tranqüilamente, dizer: “olha, você esqueceu de arrumar o cantinho, vamos lá, num minutinho a gente arruma.” E fazer junto com ele. O que é importante é as crianças perceberem que não vai passar.

Quando a criança percebe que ora a regra é cumprida e ora não é cumprida, ela vai continuar tentando.

No filme apresentado, uma professora está trabalhando individualmente com uma criança. Existia uma regra de quando ela estivesse trabalhando individualmente com uma criança ela não seria interrompida. Ela combinou de fazer um sinal vermelho ou verde. Quando estivesse verde, as crianças poderiam vir e conversar com ela. Quando estivesse vermelho, significava que ela estava conversando com uma criança e era para esperar um pouquinho que depois ela atenderia.

▼ *É preciso usar uma linguagem que descreve, mas que seja breve*

▼ *Diante de um problema sentido pela criança, comentar e propor soluções*

▼ *Quando a criança percebe que ora a regra é cumprida ela vai continuar tentando*

▼ *Por seis vezes foi assim, ela não conseguia trabalhar individualmente*

Mas essas atividades individuais são rápidas, cinco ou dez minutos no máximo. O que acontecia é que a criança vinha falar alguma coisa, perguntar alguma coisa e ela dava atenção. Depois que ela resolvia o problema ela falava: “mas a gente não combinou de que quando estivesse vermelho não poderia interromper?!” Por seis vezes foi assim, ela não conseguia trabalhar individualmente, as outras crianças interrompiam. Então, ela resolveu cobrar a regra mesmo. A criança chegava, ela levantava o vermelho e falava: “é urgente? Então daqui a pouco eu vou lá”. No começo, ela confessou que fazia com dor no coração, mas depois de um mês ela não tinha mais problema.

Com a ida ao banheiro também é assim. Há classes que têm dois colares, um verde e um vermelho, para menina e para menino. Uma menina coloca o colar verde e vai ao banheiro. No começo, é claro, eles formam uma fila para ir ao banheiro. Depois disso vai ficando normal. É comum eles irem juntos em três, quatro, no banheiro. Se o professor ora cobra, ora não cobra, deixa passar, vai ser assim o ano inteiro. Se na hora de ir ao cantinho, começar a ir em grupos de cinco, seis, e o professor finge que não vê, ora ele cobra, vai ser assim o ano inteiro.

Trabalhamos com 30, 32 crianças. Uma média tranqüila na sala. É claro que o ideal é ter menos alunos. Acontece que o ideal é termos materiais adequados, espaço físico adequado, um grupo de alunos pequenos, por exemplo 20. Se esperarmos as condições ideais para trabalhar bem, não iremos trabalhar nunca. O importante é, apesar das dificuldades, adaptar-se bem à situação.

Observei o trabalho de uma professora que dava aula para crianças de seis anos numa classe em que, em outro período, funcionava o ensino técnico de Segundo Grau. As carteiras eram enormes, para adolescentes. Muito material, desenhos em que eles colocavam genitálias, xingavam crianças, destruíam.

▼ *Ela e a turma de seis anos montavam e desmontavam a classe todos os dias*

Essa professora me ensinou muito. Ela e a turma de seis anos montavam e desmontavam a classe todos os dias. Cada aluno, durante 15 dias, era responsável por um pedaço da classe. Os cartazes e o varal do planejamento, mais o material da sucata e o canto da pintura eram por conta da professora. O restante era dividido entre as crianças.

Elas chegavam na escola e iam na sala do almoxarifado, pegavam o material, levavam para a classe e cada uma fazia a sua parte. Pegavam as carteiras, que ficavam uma atrás da outra, empurravam, para fazerem a roda. Depois, na hora dos cantinhos, eles juntavam duas carteiras, quatro cadeiras, as outras eles empurravam. No final do dia, na hora da limpeza, eles levavam todo o material de volta para o almoxarifado, punham uma carteira atrás da outra, deixavam do jeito que eles tinham encontrado a classe.

▼ *Isso mostra que o centro pedagógico está justamente no grupo*

Se crianças de seis anos fazem isso, como é que os mais velhos, de sete, oito, dez ou doze, não podem fazer? Há o exemplo de uma classe em que a professora chegou tarde e as crianças trabalharam sozinhas. Isso mostra que o centro pedagógico está justamente no grupo, na classe, e não na mão do professor. É possível perceber claramente, em uma classe construtivista, que o centro pedagógico não está na mão do professor.

Numa classe construtivista, quando as crianças estão acostumadas a resolver os problemas, a tomar decisões, a montar e a organizar, o professor

pode sair da sala. Pode trabalhar individualmente, pois o centro pedagógico não está mais na sua mão. O andamento, a disciplina, a aprendizagem não dependem mais do professor.

Se conseguirmos transformar essas relações que temos com as crianças, nós estamos caminhando em direção à autonomia dessas crianças. Vocês imaginem os futuros adultos se isso for trabalhado nas séries iniciais, nos primeiros ciclos, se isso tiver continuidade. Nós percebemos que não há involução, que eles não regridem em um ambiente autoritário.

Por isso é fundamental que não se façam regras bobas, nem regras que reforcem relações de respeito lateral. Por exemplo: “tem que obedecer a professora.” Ou “ficar quietos enquanto a professora estiver falando”. Espera lá, tem que obedecer as regras da classe. Tem que ficar quieto quando alguém estiver falando. Quando um fala, os outros escutam.

Também existem regras que vão contra o desenvolvimento da criança, por exemplo: “devem emprestar o brinquedo ao amigo, não falar mentira”. São regras feitas para não serem cumpridas. As regras têm que ser muito elaboradas, discutidas com as crianças, em cima de problemas reais.

Escola para os pais

Não tem escola para pais. Nós somos profissionais, estamos estudando e nos esforçando para quê? Para nos aperfeiçoarmos cada vez mais. E os pais acabam educando no bom senso. Às vezes, sentem-se culpados por trabalhar fora, por não dar atenção, e nos momentos que passam com o filho, confundem o “não” com o desamor. Falar “não” significa que eu não amo o meu filho. Ou mesmo para compensar, nessas poucas horas que passam com o filho, não querem frustá-lo de maneira alguma. Sabemos que pequenas frustrações não traumatizam. É importante que a criança saiba lidar com a tristeza, com a alegria, com o “não”, porque na vida dela isso vai acontecer.

É comum, em palestras, às vezes o próprio professor perguntar: “como lidar com uma classe em que a gente não impõe limites porque ama muito as crianças?”. As pessoas confundem amor com superproteção. Isso não é amar. Amar é justamente esse respeito que eu dou à criança, o respeito ao desenvolvimento, atender às necessidades dela. As necessidades que a criança tem, não é sufocá-la com atenções, não colocar limitações, superprotegendo.

Nós podemos trabalhar com esses pais e eles têm nos buscado, porque também estão perdidos a respeito de como educar. Se tiver espaço na escola, que seja uma palestra mensal, que os próprios professores estudem, por exemplo os limites, e montem uma palestra para quem esteja interessado em trabalhar os limites. Se for possível convidar profissionais para dar palestras, ótimo, porque ajudando a família, conseqüentemente, a criança está sendo ajudada e o trabalho da escola também.

Mas pode ser com os próprios professores, a cada mês um fica responsável por um tema, escreve um resumo, manda para os pais, indica livros. Acredito que também é função da escola orientar os pais, porque a conseqüência é direta na formação das crianças.

▼ *Por isso é fundamental que não se façam regras bobas*

▼ *Também é função da escola orientar os pais, porque a conseqüência é direta na formação das crianças*

▼ *É importante que exista na sala, esse canto do jogo simbólico*

▼ *Quando uma criança está presenciando uma situação de violência, é preciso lidar com ela*

▼ *O local em que a criança pode desenhar o que a está entristecendo*

▼ *Não adianta tentar controlar a raiva de uma criança, ou mesmo de um adulto*

Vocês já viram crianças brincando com boneca, ou com o colega, de relação sexual. É porque ela já viu isso. Do mesmo jeito que viu o pai batendo na mãe ou o pai sendo preso. É importante que exista na sala, esse canto do jogo simbólico, de faz-de-conta, ou mesmo uma caixa de miniaturas em que ela possa brincar, para ter um espaço para simbolizar. É perceptível que as crianças, quando estão passando por determinados problemas, escolhem muito mais o local do jogo simbólico, porque é uma maneira de eles lidarem com tudo isso.

É importante que haja esse espaço para a criança brincar de faz-de-conta com a boneca. É preciso dar esse espaço para que ela lide com esses conflitos. É importante também falar sobre o episódio: “o que você sentiu quando isso aconteceu?” A criança ter oportunidade de colocar o que sentiu. O professor não deve fingir que não está acontecendo nada, mas até colocar histórias com conflitos e como podemos lidar com eles. Buscar também conversar com os pais. Mas é fundamental que a criança fale a respeito do que está sentindo, que ela verbalize isso, que ela converse com o professor e que ela perceba que os sentimentos dela são reconhecidos. Na sala de aula, precisamos abordar certos problemas diretamente.

Quando uma criança está presenciando uma situação de violência, é preciso lidar com ela – o que ela está sentindo –, e com os pais também. Precisamos lidar com essas realidades distintas.

A nossa atuação na família é até mais limitada. Por mais que conversemos com a criança, há determinadas famílias que não vamos conseguir mudar, por melhor que seja o nosso trabalho. Mas, apesar disso, o professor tem que trabalhar com a criança sobre o que ela sente nessa situação, o que ela pensa, como ela está lidando com essa situação. É o problema do cotidiano, muito mais importante que o ensino da matemática, do português, da religião, porque isso não é religião, é a vivência da religião.

Por isso deve existir o canto do desabafo, o local em que a criança pode desenhar o que a está entristecendo, o que a está preocupando, pode escrever sobre o que ela está sentindo, pode pintar tudo aquilo de preto, rasgar em mil pedacinhos e jogar no lixo, pode enviar a carta, enfim, pode expor o que ela está sentindo naquele dia.

Isso é chamado de “desvios simbólicos”. São desvios que nós utilizamos para que a criança expresse a raiva, a tristeza, de uma maneira adequada, sem causar danos maiores. Por exemplo, eu posso estar com raiva de alguém, mas não posso socá-lo, mas eu posso socar uma almofada, um saco de serragem sem causar danos.

Não adianta tentar controlar a raiva de uma criança, ou mesmo de um adulto. Para lidar com a raiva, é preciso que na classe tenha o jogo simbólico, uma caixa de areia com miniaturas onde as crianças podem organizar, montar cenários, em que vão lidar com os sentimentos. Se uma criança não quiser falar com o grupo, ou falar individualmente com você, que ela possa desenhar como está se sentindo, que possa pintar sobre isso. Isso é estar lidando com esses sentimentos.

Quanto menor for a criança, mais ela vai resolver os problemas na

ação, mais ela vai socar, morder. Quando ela fala “eu te amo”, ela beija, abraça, sobe no colo, não fala apenas. O mesmo ocorre quando ela está com raiva. Ela não só fala que está com muita raiva, mas também chuta, morde, bate.

Nós precisamos ensinar essas crianças a outra maneira delas se expressarem, sem ser com as mãos, com os pés, com os dentes. Não basta, para a criança pequena, o professor falar: “eu gosto muito de você.” Ele tem que abraçar e beijar a criança, o toque é importante. O mesmo vale quando eles estão lidando com briga.

Havia uma criança de quatro anos que mordida os amigos. A professora falou: “você sabia que nessa escola não se morde as pessoas?!” A criança respondeu: “não, não sabia”. A professora disse: “mas agora você fica sabendo”. Mas ela teve uma intervenção inadequada quando afirmou: “olha, você pode se morder, mas não se morde os amigos.” Essa criança começou a morder a si mesma, aparecia com mordidas no braço. Ficou clara a necessidade que essa criança tinha de morder, porque senão ela não estaria mordendo a si mesma.

Em um caso como esse, é preciso deixar determinados objetos para que ela possa morder. Da mesma maneira que deixamos um canto onde ela possa socar, que ela possa bater: “Olha, quando você estiver com muita raiva, você vai ali e morde a boneca. Eu sei que você está bravo, está com raiva, mas no seu amigo não se bate.” Não podemos permitir que a criança cause dano aos outros ou a si mesma.

Tem uma fase em que a mordida é normal, por volta dos dois anos, depois desaparece, dependendo muito do ambiente. Foi engraçado que depois que objetos grandes para morder foram colocados, a menina parou de morder. É preciso deixar também desvios simbólicos para as crianças, para que eles possam se extravasar de alguma forma.

Agimos de maneira semelhante quando apertamos a bochecha da criança. Conheci uma criança de dois anos que, quando gostava de alguém, externava esse sentimento apertando as duas bochechas. Com um bebê pequeno, essa atitude acabava em choro, é claro. A nossa função é mostrar para essa criança outras maneiras de extravasar o afeto dela.

Uma solução muito criativa foi relatada por uma professora simples, que nem tinha magistério, lá do Norte. Ela tinha um aluno que chutava muito e ela não sabia o que fazer. O chão da classe era de barro e ela falou para as crianças ficarem descalças, trabalharem descalças. Quando o menino chutava, doía o pé dele. Ele chutou duas vezes e nunca mais, porque doía o pé. A criatividade da professora permitiu à criança sentir as conseqüências do chute. Às vezes, ao sentir as conseqüências dos atos, as crianças vão modificando as ações.

Recompensas e punições

Não usamos recompensas ou punições com as crianças de forma alguma. Quando o adulto usa uma recompensa, quando dá alguma coisa em troca, quando fala que quem for bonzinho vai ficar no recreio, ele está manipulando para que a criança aja como ele quer. O mesmo ocorre quando

▼ *Ela não só fala que está com muita raiva, mas também chuta, morde, bate*

▼ *Não podemos permitir que a criança cause dano aos outros ou a si mesma*

▼ *Ao sentir as conseqüências dos atos, as crianças vão modificando as ações*

▼ *O educador deve se valer de sanções por reciprocidade*

▼ *Para adquirir uma linguagem única, todos os profissionais devem participar das reuniões pedagógicas*

usa do castigo para que a criança não tenha alguns comportamentos. Nessas circunstâncias, a criança permanece heterônoma.

Castigo e recompensa funcionam. Quem falar que não funcionam, está mentindo. O problema é que deixam conseqüências na criança a longo prazo, como cálculo de risco. A criança fica calculando qual a chance de ela ser flagrada, mentir para escapar de punição.

Piaget diz que quando for necessário tomar uma atitude, o educador deve se valer de sanções por reciprocidade. São aquelas sanções que têm relação direta com aquilo que a criança fez. Por exemplo, as crianças estão brincando com um jogo e uma rouba. O que elas fazem? Não vão mais querer jogar com aquele menino.

Havia uma criança que, no meio do jogo, quando ele via que ia perder, dizia que não queria mais jogar. Foi assim na primeira vez, na segunda os meninos falaram que não queriam mais jogar com ele. É uma decorrência natural do ato.

O que o Piaget diz é que nós protegemos muito as crianças. Não permitimos que elas sintam a conseqüência do ato.

Quando brigam, vamos lá imediatamente e pedimos para se desculparem. É importante que o adulto permita que as crianças sintam as conseqüências dos atos. “Por que será que o grupo não quer mais jogar com você? O que você vai fazer para deixar claro que você está disposto a mudar.”

Outros tipos de sanções por reciprocidade são: privar temporariamente a criança de algo que ela está estragando; reparar o dano causado, se ela quebrou algo; sujou, limpou.

A criança sabe exatamente o que pode fazer e em que ambiente. A criança sabe o que pedir para o pai, o que pedir para a mãe, o que um professor deixa, o que o outro não deixa. A coerência seria o ideal, mas nem sempre é possível, por isso investe-se em formação de professores.

Sempre que possível, nas reuniões pedagógicas, todos os profissionais devem participar, desde os zeladores ao professor de química, por exemplo, mesmo que ele ache que não tem nada a ver com o tema. Isso é fundamental para adquirirem uma linguagem única.